

O corpo, O Homem e o Tempo na Obra de Vegécio

The Body, the Human Being, and Time in the Work of Vegetius

Matheus Roberto Breda Teixeira³⁹

Artigo recebido em 13 de outubro de 2025

Artigo aceito em 13 de janeiro de 2026

Resumo: O objetivo deste trabalho é compreender como o corpo estava inserido no *Compêndio da Arte Militar* escrito por Vegécio (século IV d.C.). Nesta obra, o autor escreve para aristocracia, esse período marca a decadência do exército romano e vulnerabilidade perante o avanço de outros povos. O método utilizado é a história social. Além disso, dentre outros aspectos, foi possível compreender as transformações sociais que, em especial, o Ocidente estava passando naquele momento.

Palavras-chave: Corpo, História da Educação, História do Corpo, Exército Romano.

Abstract: The objective of this study is to understand how the body was included in the *Compendium of Military Art* written by Vegetius (4th century AD). In this work, the author writes for the aristocracy, a period marked by the decline of the Roman army and vulnerability to the advance of other peoples. The method used is social history. In addition, among other aspects, it was possible to understand the social transformations that the West, in particular, was undergoing at that time.

Keyword: Body, History of Education, History of the Body, Roman Army.

Introdução

O objetivo deste trabalho é compreender como o corpo estava inserido no *Compêndio da Arte Militar* de Vegécio (século IV d.C.). Nesta obra, Flávio Vegécio Renato descreve de maneira objetiva e apresenta traços singulares da história militar dos romanos, bem como suas principais qualidades na arte da guerra. Em certo sentido, o autor destina seus escritos para o Imperador⁴⁰, ou melhor, a nobreza imperial, e este momento sublinha o declínio do Império Romano,

³⁹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pesquisador do Laboratório de Estudos Corporais (LEC), vinculado à Universidade Estadual do Paraná. ORCID: Orcid:0000-0002-7903-7601

⁴⁰ Durante sua obra o próprio Vegécio não identifica a qual Imperador a destina, acredita-se que seja Teodósio, de quem provavelmente foi ministro. Ver o trabalho de Raphael Leite Teixeira, *A Guerra no Epitoma rei militaris* de Flávio Vegécio (séc. IV d.C.): Entre a fé cristã a pressão barbara. (2008).

considerado um período de transição da Antiguidade Tardia para Idade Média, na qual Vegécio procura aconchego no passado militar de Roma.

Para realizar a análise do Compêndio da Arte Militar, que, em partes, também permite analisar a tentativa de organização de uma parcela da civilização romana, a militar, considera-se os preceitos do historiador francês Marc Bloch (1886-1944), que no fim do século XX escreveu *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Nesse sentido, Bloch atribui a função de entendedores de um fenômeno histórico dentro de seu próprio período cronológico de acontecimentos. Nesse regime, o estudo da história não poderá estar deslocado da compreensão do tempo, em que a obra se encontra inserida, de tal forma que tanto a obra, quanto o autor, não estão desligados das realidades de seu tempo:

Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo do seu momento. Isso é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos como das outras. O provérbio árabe disse antes de nós: "Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais." Por não ter meditado essa sabedoria oriental, o estudo do passado às vezes caiu em descrédito. (BLOCH, 2001, p.60).

Desse modo, ao propor um estudo do passado, sobretudo de um passado distante, surge a necessidade de considerar e analisar o tempo e as condições em que os autores e respectivamente suas obras se encontram.

Nessa perspectiva, aproxima-se também das considerações de Fernand Braudel (1902-1985), ao analisar que situações presente, em que vivemos, levam-nos a levantar interrogações acerca do passado, uma vez que "[...] A história nada mais é do que uma constante indagação dos tempos passados em nome dos problemas e curiosidades - ou mesmo das inquietações e das angústias - do tempo presente que nos cerca e assedia.". (BRAUDEL, 1988, p.1). Para mais, a visita ao passado, não suporta ser realizada de qualquer maneira. Paul Veyne, na introdução da *História da Vida Privada*, obra de Georges Duby na qual Paul colaborou como organizador, analisa que "[...] essa viagem ao outro, deve servir para nos fazer sair de nós, tão legitimamente quanto nos confortar em nossos limites.". (VEYNE, 2009, p.12).

Em certo sentido, compreende-se ainda que a civilização ocidental pode ser considerada a civilização dos gestos⁴¹. Por isso, o estudo centra-se nos encaminhamentos de Jacques Le Goff (1924-2014) e Nicolas Truong (1967-), em especial, sobre as análises direcionadas ao corpo que permitem considerá-lo como objeto de estudo da história.

Isso significa reconhecer que o corpo não comporta somente abordagens biológicas ou semelhantes, de tal sorte que não seria ponderável conceber o corpo como mero 'espectador histórico', quando ao contrário, ele se encontra mais próximo da posição de 'ator histórico'. Nesse sentido, o corpo pode ser capaz de produzir história e, assim, se relacionar com diversas estruturas e representações sociais em determinadas civilizações:

Na disciplina histórica reinou por muito tempo a ideia de que o corpo pertencia à natureza, e não à cultura. Ora, o corpo tem uma história. Faz parte dela. E até a constitui, assim como as estruturas econômicas e sociais ou as representações mentais, das quais ele é, de certa maneira, o produto e o agente. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.9).

Por esse ângulo, cabe ressaltar ser fundamental a compreensão de que "[...] O corpo pode conduzir sua consciência em vez de ser seu objeto". (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008, p.10). Assim, tais considerações, fornecem subsídios para entender o corpo como "ponto-fronteira"⁴² entre a realidade existente e o imaginário que o cerca. Portanto, se postando entre o real e aquilo que recai sob a imaginação dos homens, existe o corpo, algo capaz de suportar tudo isso e de contar sua história para que, nesse sentido, torna-se possível compreender o presente. Dessa maneira, a história estará a serviço da humanidade e poderá apresentar exemplos para a compreensão do momento atual.

Assim, o presente estudo está dividido em duas seções. A primeira busca compreender questões gerais acerca do século IV d.C., período em que Vegécio

⁴¹ Ideia apresentada por Vigarello na entrevista já mencionada e proposta por Le Goff e Truong (2006) em *Uma História do Corpo na Idade Média*. – Uma civilização dos gestos p.145.

⁴² Ideia apresentada por Corbin, Courtine e Vigarello (2008) em *História do corpo: da renascença às luzes*. Ver: Prefácio. p.11.

estava inserido, com a finalidade de entendê-lo em seu tempo. Por fim, a segunda seção busca entender a proposta de como o corpo estava inserido na obra *Compêndio da Arte Militar* do autor romano, mais especificamente, no Livro I. É válido ressaltar que Vegécio não escreve essencialmente sobre o corpo, porém, por meio da interpretação de seus escritos é possível empreender este estudo.

O Crepúsculo Militar de um Império

No momento histórico em que Vegécio esteve inserido, o Império Romano não estava próximo de seus tempos áureos. Pelo menos não no Ocidente. Em certo sentido, aquilo que outrora, no passado, o caracterizava e engrandecia agora, na época de Vegécio, encontrava-se alterado, da mesma forma que o exército romano também havia se alterado.

No decorrer dos séculos, as práticas e os costumes dos homens, aos poucos, se modificaram. Nesse sentido, torna-se possível analisar traços da história do homem no século IV. A princípio, em sua escrita, Vegécio de certa forma lamenta⁴³ a respeito do cenário atual do exército de Roma, de tal forma que o autor recorda o passado em busca de vestígios para demonstrar a maneira como o exército deveria funcionar e se organizar.

Em certo sentido, Vegécio até mesmo deixa transparecer certo grau de superioridade, típica de sua posição social⁴⁴. Para mais, apesar de não se preocupar em descrever como era o exército no século IV, a 'lástima' de Vegécio, sugere que não ia nada bem. Desse modo, Edward McNall Burns (1897-1972), direciona sua atenção para algumas mudanças políticas e também para uma crise econômica que desde o século III d.C, era sentida na civilização antiga, Burns se refere aos rituais modificados pelo Imperador Diocleciano e aos processos que levaram ao fim da instituição do senado romano:

⁴³ Para observar traços de situações a esse respeito ver no *Compêndio da Arte Militar* as páginas: 186, 187, 194 e 211.

⁴⁴ É provável que Vegécio tenha pertencido a uma pequena linhagem de nobreza Hispânica. Ver no *Compêndio da Arte Militar: Estudo introdutório – II Vegécio e a *Epitoma rei militaris**. p. 90.

A principal razão dessas mudanças políticas encontra-se indubitavelmente no declínio econômico do século III. O povo perdera a confiança em si próprio, como frequentemente acontece em tais circunstâncias, e estava pronto a sacrificar todos os seus direitos por um tênue vislumbre de segurança.” (BURNS, 1970, p.304).

A partir do exposto acima, ressalta-se a importância relacionada aos problemas econômicos enfrentados pelos romanos e, sobretudo, a falta de segurança. Tais sintomas corroboram para a desesperança permear o imaginário do homem desde o século III d.C.

Com efeito, a respeito do exército de Roma, a falta de segurança se deve ao fato dos constantes conflitos contra os povos bárbaros, que encurralaram o exército desde o início do terceiro século, Roma recebia uma pressão conjugada dos Germanos (a norte) e dos Persas (a leste) (MONTEIRO, 2009, p.71). Não obstante, o exército romano se encontraria em cheque caso não pudesse mais produzir conquistas ou, sobretudo, assegurar a paz em defesa de Roma. Além disso, outro ingrediente temperava a crise do exército e do Império: o crescimento das religiões místicas e extraterrestres, como por exemplo, o cristianismo, que em certo sentido, alterou a forma de viver na civilização romana antiga. Desse modo, compreende-se o cenário permeado por crises, durante o século III, e, que de certo modo, se arrastou também para o século IV, enquanto o cristianismo crescia oportuno e operante.

Posto isso, ainda no início do século IV, a tratativa política de Constantino I, de certa maneira, não favorece o exército romano. Após ter concebido a liberdade aos cristãos, com o Édito de Milão, o Imperador, em uma tentativa de estabelecer novas rotas econômicas para o Império, estabelece que a capital de Roma seja Bizâncio, localizada distante, no lado oriental do Império. Cego de preocupações econômicas e comerciais, como seu século e as crises sugerem, Constantino ainda acabou por fazer sua vontade e também a do Bispo de Roma, que granjeou por espaços longe das margens do Império para os estabelecimentos dos cristãos.

Segundo Pierre Grimal (1912-1996) “[...] o imperador doou ao bispo de Roma o palácio dos Laterani, que pertencia a sua família.” (GRIMAL, 1993, p.

140). Assim, a aliança política entre Império e cristianismo se fortaleceu, porém para o exército romano, tal união era pouco atrativa. Em certo sentido, o cristianismo, por mais marginal que fosse, agora, era capaz de negociar espaços territoriais com Imperadores, sem ao menos pegar em uma arma sequer, deixando transparecer que o Império que tanto conquistou, com uso de força excessiva do exército, agora cede conquistas sem ele, isso poderia demonstrar sua fragilidade no século IV.

Ademais, Paul Veyne analisa que as decisões de Constantino no início do quarto século, “[...] têm o objetivo de preparar um futuro cristão para o mundo romano.”. (VEYNE, 2011, p.9). Desse modo, o cristianismo avançou e se estabeleceu de maneira mais firme e ajustada, material e socialmente no universo romano. Nessa perspectiva, em um mundo cada vez mais cristão, a vida dos homens, o estado ou Império são definidos por um Deus diferente, que não instiga a violência e que em certo sentido não abençoa o combate militar⁴⁵, pois, não permite aos seus adeptos sofrerem para alcançar uma vida extraterrena melhor.

Nesse sentido, compreende-se que o Ocidente se encontrava em processo transformação social, percebida, especialmente, “[...] nos meios militares, a religião era sentida como uma obrigação mais colectiva do que individual”. (MONTEIRO, 2009, p.44). Com o cristianismo tal situação era irrelevante e quase que oposta; uma vez que a religião cristã encontrava-se propensa ao particular. Portanto, os atos do homem eram sua responsabilidade própria para convivência da melhor maneira possível na terra, e para uma vida melhor ainda extraterrena.

Por isso, no século V os cristãos tiveram determinada pressa para converter os ‘bárbaros’ que ocupavam posições de poder ou que detinham cargos importantes no Ocidente. De acordo com Ruy Nunes (1928-2006), não era preciso um militar cristão para forçar um bárbaro a fazer o que Deus e Império querem, a artimanha apresenta-se de forma mais sutil, econômica e sem sangue.

⁴⁵ A religião romana antiga possuía um caráter mais coletivo do que individual, era comum orar e recorrer aos deuses para que o exército conseguisse conquistas materiais e vitórias nos conflitos com outros povos. Alguns exemplos de deuses aclamados eram Júpiter, Juno, Minerva, Marte, Fortuna, Mercúrio, Apolo etc.

Bastava um 'sim' e uma espécie de ritual de quem e, para aqueles já familiarizados com princípios cristãos, visto que, "[...] A maior parte deles já aderira ao arianismo e, por isso, eram cristãos heréticos na época das grandes invasões." (NUNES, 1979, p.47).

Esse movimento do cristianismo, de se introduzir entre os povos bárbaros em busca de unir homens pela fé, atingiu o exército romano, sobretudo se se considerar a seguinte situação: os bárbaros ou invasores unidos pela fé, aos olhos do cristianismo, não são considerados ameaça. Desse modo, a proteção concedida pelo exército romano apresenta-se sem sentido ou utilidade.

Sob essa ótica, ao analisar os escritos de Vegécio, compreende-se certo descontentamento por parte do autor, e, neste caso, também da elite, com aquilo que outrora o exército foi consagrado, bem como com sua função, de recrutamento e aprovisionamento⁴⁶, no Império, na qual Vegécio um dia executou com experiência obtida nos estudos e na prática. Ademais, Vegécio deixa transparecer tais atributos, com uma mescla de saudosismo militar, típico dos aristocratas de seu tempo.

Em certo sentido, é possível que durante o século IV, Vegécio, tenha sido incentivado pelos imperadores a retratar tal cenário, talvez tal ação tenha funcionado como uma espécie de propaganda⁴⁷ para o Império na tentativa de sustentar uma instituição esfacelada e alterada devido às relações dos homens ao longo do tempo. No entanto, o crepúsculo militar parecia inevitável.

Assim, esta seção auxiliou na compreensão da maneira como outrora o exército romano se encontrava. A próxima, por sua vez, abordará a respeito do corpo e a forma como ele estava inserido nesta civilização antiga.

⁴⁶ Monteiro atribuiu essa função como referência a Christopher Allmand, ver p. 91.

⁴⁷ A ideia de Vegécio "propagandista" é atribuída em Monteiro apud Milner (1981). Ver o Capítulo II - Vegécio e a *Epitoma rei militaris*, item 2, p. 94. Por outro ângulo, Teixeira apud Mendes e Silva (2006) também recorda ideias semelhantes. Ver o trabalho de Raphael Leite Teixeira, A Guerra no *Epitoma rei militaris* de Flávio Vegécio (séc. IV d.C.): Entre a fé cristã a pressão barbara. (2008), p. 7.

O Corpo, o Homem e o Tempo

O corpo na civilização romana antiga constitui um marco importante na história. Em certo sentido, os romanos dedicaram esforços e tempo na criação de um aparato militar para seus corpos. Na arte da guerra, em que os homens de Roma foram dominantes durante muito tempo, o corpo quem confere coordenadas e também dita regras a serem seguidas. Desse modo, para ele criam-se espaços, como por exemplo, acampamentos, objetos e coisas em prol da manutenção da própria vida. Portanto, o serviço militar pode ser analisado como algo criado pelo corpo e para o corpo. Sob essa ótica, Vegécio, reconhecido por sua capacidade determinante de compilar 'técnicas' militares, também ilustra a transformação social que o corpo e o homem do Ocidente passaram no século IV:

E tal como sabemos pela prática e pela experiência, é a partir dessa causa que tantas derrotas foram causadas pelos nossos inimigos em toda a parte, quando uma longa paz deu azo a uma escolha mais negligente dos soldados, quando os jovens mais ilustres seguiam os cargos civis e quando os mancebos que, indicados pelos proprietários por meio de favor ou desleixo dos recrutadores, se juntavam ao exército eram de tal espécie que até os seus senhores tinham repugnância em tê-los. Em conclusão, convém que sejam escolhidos por grandes homens e com grande cuidado os jovens mais capazes." (VEGÉCIO, 2009, p.185-187).

A partir do exposto acima, analisa-se que o exército romano no século IV, havia se alterado, sobretudo, no que tange a vitórias e conquistas; os militares de Roma não eram invencíveis, ao contrário, sofreram nos conflitos com outros povos. Ao analisar a citação acima, torna-se possível compreender que para Vegécio, é possível que tal situação esteja relacionada aos reflexos da pax augusta que ainda estavam presentes na civilização antiga.

Ademais, o autor também lança olhares para escolhas de corpos considerados 'ruins', para a composição do exército, já que muitos outros homens estavam seguindo carreiras diferentes em Roma. Logo, analisa-se que o corpo é quem constitui o exército romano, se ele comunga dos bons atributos da cultura militar romana antiga, o exército é considerado bom, enquanto que o mesmo se aplica ao seu oposto. Em certo sentido, este trecho ainda ilustra o processo de

transformação social no Ocidente; desse modo, o romano acredita que o corpo é o caminho para remediar a situação encontrada no século IV, a ideia que se apresenta talvez seja de um corpo ideal e um homem ideal para existir o exército ideal como outrora o passado demonstrou.

No entanto, é provável que motivos políticos tenham respaldado tal situação; Vegécio, como se sabe, seguiu carreira no exército romano, era aristocrata e preocupado com a reputação desta instituição, sem contar que suas ações neste escrito, como dito anteriormente, poderiam ser de um propagandista imperial.

Nesse ínterim, o corpo contribuiu para o crepúsculo do exército romano, respaldado por seu momento histórico; o homem do século IV poderia viver distante do universo militar. Nesse sentido, Vegécio (2009, p.183) analisa que anteriormente “[...] o número de jovens era maior e muitos seguiam a carreira militar; na verdade, a vida civil ainda não tinha desviado dela a juventude mais promissora.”. Assim, compreende-se que o exército romano desse período, além de esfacelado, enfrentava a escassez de homens para reutilizá-lo.

Tal fato estava relacionado aos ‘desvios’ da vida civil que evidenciaram que o homem neste momento tornou-se mais propenso a seguir esse ramo. Com efeito, se o exército antigo, como nos tempos do ‘divino’ Augusto (63 a.C – 14 d.C) ou Adriano (76 – 138 d.C), mostrou ao mundo aquilo que a cultura romana, especialmente, militar poderia oferecer de melhor, nos tempos de Vegécio, a realidade era quase oposta. Desse modo, o corpo do homem pertencente ao exército romano é diferente, suas relações sociais são outras ao passo que a sociedade também se modificou. Nesse sentido, Vegécio é fundamental para compreender tal processo, sobretudo, pois o autor traça as linhas do homem ideal militar, mesmo que tais homens tenham permanecido no passado:

Portanto, o adolescente que deve ser destinado ao trabalho de Marte deve ter olhos vigilantes, cabeça erguida, peito largo, ombros musculados, braços fortes, dedos bem longos, estômago pequeno, ancas bastante estreitas, pernas e pés despojados de gorduras e fortalecidos pela dureza dos músculos. Quando se reconhecerem estes sinais num recruta, não se deve procurar muito uma elevada estatura. Com efeito, é mais útil que os soldados sejam fortes do que altos.”. (VEGÉCIO, 2009, p.185).

Baseando no estudo do passado da cultura militar romana, especialmente em Catão, O Censor, Cornélio Celso e Frontino, Vegécio, na qualidade de observador da natureza, identifica e enumera características físicas e materiais que os corpos dos homens deveriam ter, para serem recrutados e por consequência, após serem treinados, salvarem o exército de Roma, o Império e sua própria vida.

Esse é o corpo naturalmente perfeito que outrora os exércitos romanos tiveram. No entanto, tal atributo no século IV era improvável ou pouco comum. Tal fato pode ser explicado ou percebido quando Paul Veyne (2009, p.23) analisa que os romanos possuíam uma “[...] fraca reprodução natural, pois a mentalidade romana é bem pouco naturalista” ou melhor, “[...] em Roma pouco importa o momento em que a mãe se livra de um futuro filho indesejado.”. Tais prerrogativas eram comuns na civilização antiga, essa ideia atravessou séculos e fez parte do imaginário dos homens de Roma. Além disso, o corpo é um dado da realidade, ele não é capaz de omiti-la, portanto, o corpo do homem é o que o que é, foi como só poderia ser, e, nesse sentido, retrata seu tempo.

Sob essa perspectiva, se o homem romano não era capaz de naturalmente produzir corpos militares como no passado de glórias, ao menos é importante que os recrutados sejam devidamente preparados para equiparar tal situação. Afinal, “[...] o povo romano submeteu todo o Mundo por meio de nenhuma outra razão a não ser pelo treino das armas, pela disciplina dos acampamentos e pela experiência do exército.”. (VEGÉCIO, 2009, p.177-179).

Para mais, tanto o treino quanto a disciplina, constituem um aspecto importante da história militar romana. Aliado a isso, se analisa o constante uso das regras feitas para os corpos e por conta deles. Entretanto, a tentativa de Vegécio em demonstrar a importância desses fatores, na expectativa de oportunizar dias melhores para o exército, demonstra que o corpo do século IV não estava mais preparado para recebê-las, pelo menos não as regras militares. O próprio autor em uma passagem que se referia a qual recruta era mais útil ao exército, auxilia a compreender a ideia:

Nem se deve negar que, depois da fundação da sua cidade, os Romanos dela sempre partiram para a guerra. Mas, nesse tempo, não estavam enfraquecidos por nenhuns prazeres, por nenhuns luxos; a juventude lavava o suor acumulado na corrida e nos exercícios de campo nadando no Tibre; ao mesmo tempo guerreira e agricultora, trocava somente de tipo de armas; de tal forma isto é verdade que se sabe que a ditadura foi oferecida a Quíncio Cincinato enquanto este lavrava. Por conseguinte, parece que a solidez do exército deve provir essencialmente dos campos. Na verdade, sem eu saber bem porquê, teme menos a morte aquele que conhece menos prazeres ao longo da vida.”. (VEGÉCIO, 2009, p. 181).

Ora, no período em questão, os conflitos haviam se reduzido, de tal modo que os romanos não partiam para guerra de conquistas, e sim, centravam-se na defesa de seus espaços. Posto isso, distante dos tempos áureos do exército romano, os homens agora eram gerados e nasciam em meio a todo tipo de prazeres que a vida poderia oferecer, ademais o contato com luxo era inevitável, os corpos desse período, especialmente da aristocracia, não experimentaram e nem conheceram outro *modus vivendi*, “[...] o luxo começava no uso de roupas novas.”. (VEYNE, 2009, p.127).

Ademais, ressalta-se que esta situação não expunha o cenário completo da civilização antiga. Nesse sentido, para melhor compreensão da totalidade, Pedro Funari (2002, p.113-114) analisa que desde os dois primeiros séculos “[...] Em Roma, o luxo dos romanos ricos contrastava com a miséria dos romanos pobres.”, esse contraste não reduziu, os ricos conseguiram viver de forma ainda melhor, “[...] habitando palácios cercados por imensos jardins e situados sobre as colinas, possuindo móveis preciosos e sendo servidos por centenas de escravos.”.

Além disso, é muito provável que os homens possuíam medo de morrer, falta de esperança, confiança e o desespero, sobretudo, devido a ascensão do cristianismo que auxilia na confirmação dessas características: os cristãos driblam com facilidade a morte, valendo-se da segunda vida eterna após ela, e isso conforta grande parte dos vivos, no entanto cristianismo e exército ainda são, de certo modo, antagonistas no século IV.

Não obstante, do lado ocidental do universo antigo, o corpo do homem continuou a 'dar as cartas' na história da civilização romana. Ele, por sua vez, não era mais militar e se relacionava com outros aspectos que colaboraram para sua inserção na civilização antiga. Nesse sentido, a própria narração de Vegécio confirma:

Na verdade, nada é nem mais sólido, nem mais louvável, nem mais salutar do que um Estado em que abundam os soldados instruídos. Com efeito, a magnificência das vestes ou as riquezas em ouro, em prata e em jóias, não levam os inimigos nem ao respeito nem à amizade para conosco; eles são submetidos apenas pelo terror das armas.”. (VEGÉCIO, 2009, p.193).

Em certo sentido, para o autor, o corpo ideal do homem no século IV, deveria ser aquele pronto e capaz de derrotar e destruir toda e qualquer ameaça ao Império, promotor de terror nos invasores e nos outros povos, e isso contrasta drasticamente com a realidade aparente dada pelo corpo.

Com efeito, a arte militar encontrava-se distante de poder se sustentar; em primeiro porque os romanos constantemente estavam ameaçados pelos bárbaros, seu exército era vulnerável e vencido sem grandes problemas por outros povos, o corpo militar ideal precisava ser/nascer naturalmente em condições e/ou ainda treinar a vida toda para se aperfeiçoar ou suprir tais características, sem contar que poderia morrer a qualquer momento na busca de colocar em prática aquilo que aprendeu e este fato não era mais plausível de acontecer. Segundo, pois, o aumento da vida civil e cultural, especificamente, no que diz respeito à vida religiosa, traçou outros planos e permitiu ao homem acessar outras possibilidades. Em suma, esses foram alguns dos possíveis elementos a serem elencados e estudados presentes na obra de Vegécio, especialmente, no Livro I do Compêndio da Arte Militar.

Considerações Finais

Com o término deste estudo, concluiu-se que a análise da obra de Flávio Vegécio, quando realizada por meio da história, permite compreender as transformações sociais que o Ocidente estava passando naquele período. Assim,

no Compêndio da Arte Militar, Vegécio compila um conjunto de atributos militares que foram úteis no passado e devem ser destinados para aqueles homens que irão compor o atual e frágil exército romano do século IV. Ao realizar tal ação, o autor revela traços importantes de como parte da civilização de Roma antiga havia se alterado; de modo que tal processo pode ser verificado por meio do estudo do corpo dos homens.

Também, a leitura da civilização realizada por Vegécio, em certo sentido, não o permite compreender seu entorno mesmo estando inserido nele. Nesse sentido, um olhar atento à obra permite analisar que o autor procura aplicar o passado no presente.

Além disso, foi possível compreender a respeito de alguns traços da história do corpo, analisando que o corpo encontra-se presente na história antiga e auxilia na construção do imaginário dos homens; e também nas relações sociais entre eles. Portanto, ao se notar descontente com o exército militar romano, no século IV, o corpo nos conta a história de que a vida civil, religiosa e, até mesmo luxuosa, possuíam espaços e características mais envolventes.

Ademais, enquanto historiadores da educação, ao refletir sobre o corpo em tempos passados, torna-se relevante compreender que “[...] Aprender é muito mais enumerar práticas e encadear ações que lapidar disposições e capacidades corporais.”. (VIGARELLO, 2003, p.24). Posto isso, é importante destacar que neste estudo não foram aprofundadas pesquisas a respeito das práticas do corpo e dos espaços a ele destinados, de tal forma que esses assuntos também seriam capazes de enriquecer nossos trabalhos sobre a história do corpo.

Referências

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a história no mediterrâneo**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BURNS, Edward. McNall. **História da civilização ocidental**: do homem das cavernas até a bomba atômica. Tradução de Lourival G. Machado, Lourdes S. Machado. São Paulo: Globo, 1970. Livro eletrônico.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: da renascença às luzes. Tradução de Lúcia M. C. Orth. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DE COULANGES, Fustel. Numa-Dennis. (2006). **A cidade antiga**. Tradução de Frederico Ozanam P. de Barros. São Paulo: Editora das Américas S.A.- EDAMERIS, 2006. Livro eletrônico.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002. Livro eletrônico.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média**. Tradução de Marcos F. Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MONTEIRO, João Gouveia. Estudo introdutório: As principais etapas da evolução do exército imperial romano e o seu enquadramento estratégico. In **Vegécio**: compêndio da arte militar. Tradução de João G. Monteiro e José Eduardo Braga. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, p. 6-71, 2009. Livro eletrônico.

MONTEIRO, João Gouveia. Estudo introdutório: Do recrutamento militar à reforma: uma vida (militar) bem preenchida. In **Vegécio**: compêndio da arte militar. Tradução de João G. Monteiro e José Eduardo Braga. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press. p. 4-44, 2009. Livro eletrônico.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1979. Livro eletrônico.

VEGÉCIO. **Vegécio**: compêndio da arte militar. Tradução de João G. Monteiro e José Eduardo Braga. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press. 2009. Livro eletrônico.

VEYNE, Paul. Introdução. In **História da vida privada, I**: do império ao ano mil. DUBY, Georges; VEYNE, Paul. (Org.). Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Livro eletrônico.

VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão** (312-394). Tradução de Marcos de Castro. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Livro eletrônico.